

# Brasília, mostre sua cara

CORREIO BRAZILIENSE

11 ABR 1994

**Geraldo Magela**

Neste mês de abril, Brasília completa 34 anos, idade suficiente para abrigar uma geração que aqui nasceu, tem seus familiares, suas raízes, suas memórias e o seu afeto.

Durante este tempo, muitos migrantes que chegaram à procura de emprego e de uma vida nova fixaram-se na cidade, casaram-se, tiveram filhos e adotaram o Distrito Federal como sua terra mãe. Não trocam a cidade por lugar nenhum e, quando dizem Brasília, falam do Plano e das satélites.

Estes são dados importantes porque fazem florescer as bases para que a cidade deixe de ser um punhado de indivíduos dispersos, apenas com vontade de trabalhar, ganhar dinheiro, passar um tempo e se mandar para seus estados.

Os brasilienses de origem ou de adoção, aos poucos, vão sedimentando os fundamentos de sua cultura. Uma cultura que resiste; apesar da inércia, omissão, descompromisso do Estado e da ausência de uma política cultural. Uma cultura que está aí, não obstante a falta de recursos, de espaço, de incentivos e a massificação que impede o interesse pela música, literatura e pelo teatro locais, que nem sempre estão na mídia.

É admirável como os grupos culturais delineiam sua trajetória,



persistem e dão conta de realizar o seu trabalho.

No Distrito Federal, temos exemplos formidáveis. Na Ceilândia, o Grupo Bolha consegue produzir espetáculos usando os espaços ociosos das escolas. Utilizam a Lei nº 243/94, que assegura "às entidades organizadas, grupos de moradores e ao movimento cultural o direito de reunião nas dependências dos estabelecimentos públicos de ensino do Distrito Federal". Também na Ceilândia, a Casa do Cantador é uma amostra da pertinácia dos agentes culturais.

Os artistas plásticos de Sobra-

dinho organizam-se e discutem os rumos da cultura brasiliense. O Bumba-Meu-Boi, graças à persistência do sr. Teodoro, continua sendo transmitido para as novas gerações. O Celeiro das Antas, em Taguatinga, está, provisoriamente, ocupando com muita criatividade o Teatro da Praça.

No Morro da Capelinha, em Planaltina, a encenação da Via-Sacra, por artistas locais expressa a religiosidade popular e constitui-se num espetáculo de tamanha beleza plástica que atrai milhares de pessoas do Centro-Oeste e do Brasil.

No Plano Piloto, há uma expe-

riência inédita feita na Oficina do Perdiz, na Superquadra 708/709. Ele aproveitou sua serralharia, fez algumas pequenas adaptações e criou o Teatro Oficina Perdiz. Desde 1988, exhibe peças onde figuram atores chamados alternativos e artistas tradicionais. Já conseguiu a proeza de ter em cartaz a peça Bela Ciao durante um ano inteiro. É formidável como o Teatro Oficina Perdiz, à margem do teatro institucional, é uma opção de produção artística.

A resistência destes grupos e de muitos outros ajudam a fazer o movimento cultural da cidade. Um movimento diferente do existente no Rio de Janeiro e em São Paulo, pois cada comunidade traz a sua cultura de uma maneira inconfundível, de acordo com a sua história e as suas condições.

Apesar do Orçamento do Distrito Federal, em 1994, destinar apenas, 0,34% para a Cultura, ela está aí, agitada, complexa, distinta, marcando a cara da cidade, traçando-lhe o seu perfil e dando-lhe identidade.

Sem cultura, seremos apenas um amontoado, um dado estatístico, uma gente sem passado e com o futuro por um fio. Ainda bem que Brasília, apesar da falta de sorte com seus governantes no trato da questão cultural, consegue mostrar a sua cara.

■ Geraldo Magela é deputado distrital pelo PT